

PARA ALEVEZAR' OS GUARANI E KAIOWÁ

Marina Vinha*
Veronice Lovato Rossato**

Introdução

O objetivo deste estudo é o de refletir sobre as implicações na formação de professores indígenas guarani e kaiowá para atuarem com projetos de lazer em suas aldeias localizadas na região da Grande Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul. A região da Grande Dourados² constitui-se por 17 municípios que têm em sua jurisdição essa população indígena³. No decorrer do texto, foi adotada a denominação guarani-kaiowá e também a designação kaiowá-guarani, esta segunda, vinda de estudos recentes que priorizam o maior quantitativo populacional dos kaiowá. Ambas as denominações designam duas parciaisidades da nação guarani, segundo maior

povo indígena do país com aproximadamente 40 mil pessoas distribuídas em 28 áreas indígenas, localizadas no cone sul do Estado⁴.

A formação em nível superior dos professores guarani e kaiowá, em um curso de licenciatura intercultural, desdobra-se em dois blocos, o primeiro corresponde ao núcleo comum e o segundo ao núcleo específico. O núcleo específico abrange quatro áreas do conhecimento, quais sejam: matemática, ciências sociais, ciências da natureza e linguagens. Este artigo prioriza a área linguagens, a qual comporta as línguas guarani e portuguesa, estudos do lazer, linguagens artísticas e corporais e gestão no contexto guarani e kaiowá, estudados com base nos conheci-

* Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: marinavinha@ufgd.edu.br

** Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. E-mail: veronicerossato@yahoo.com.br

mentos dos próprios indígenas e em outros vindos de diferentes sociedades.

Autoras deste artigo, mas, não indígenas guarani ou kaiowá, propomos, na qualidade de professoras envolvidas com os estudos em nível de ensino médio e superior, pensar alguns aspectos da cultura desse povo. O presente texto delimita-se ao tema lazer, compreendido sob argumentação teórica de processos que são civilizadores no sentido dado por Elias, na jurisprudência do direito ao lazer, no modo como os indígenas guarani e kaiowá entendem o tempo e na maneira como apreendem o lazer em suas aldeias.

A metodologia adotada procurou dialogar com o referencial teórico, delimitado a autores que tratam do aspecto histórico e socioantropológico do patrimônio cultural imaterial de povos indígenas (Gallois, 2006), com saberes guarani e kaiowá sobre o tempo e espaço (Borges, 2002), o tempo como construção social (Elias, 1998; Elias e Dunning, 1992) e dados conceituais obtidos dos indígenas durante as aulas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu*⁵.

Pensar em lazer entre os guarani e kaiowá requer considerar suas histórias como grupos étnicos em contato regular com a sociedade não indígena, vivendo em co-dependência de relações externas estabelecidas com outros grupos étnicos e com a sociedade não indígena regional, encapsulados no estado nacional (Junqueira, 2002; Elias, 1980).

Dentre a rede de instituições trazidas pelo estado nacional destacamos a escola, a igreja e os órgãos específicos para esse segmento populacional. Todas estas tiveram o objetivo inicial de 'civilizar' no sentido integracionista, voltado para o modo de ser ocidentalizado, de caráter genérico, criando, assim, uma 'segunda natureza' que visava/visa a naturalizar *habitus*⁶, de forma a acobertar sua construção histórica e cultural (Vinha e Nascimento, 2008).

A atual situação daquele povo é de confinamento, termo que expressa uma condição de perdas ou de limitação de suas terras em

um processo histórico no estilo competição primária cuja apropriação não é negociada, mas, sim, via relações de poder assimétricas estabelecidas pelas elites econômicas da região em que viviam/vivem (Elias, 1980).

A maior parte das comunidades guarani e kaiowá de Mato Grosso do Sul estreitou relações com a população 'branca' "a partir da implantação da extração da erva mate pela Cia. Mate Laranjeira. Isto ocorreu a partir da penúltima década do século XIX", afirma Pereira (2009).

Não obstante, as *comunidades kaiowá e guarani permaneceram em suas terras de ocupação tradicional por mais de meio século, convivendo com a atividade econômica de extração da erva mate na região e participando como trabalhadores* nos ervais. A partir de 1930 muitas destas comunidades foram deslocadas das terras que ocupavam em vista da atribuição das mesmas em nome de particulares. Outro fator foi a "intensificação da especulação imobiliária, considerando que a revenda das terras muitas vezes implicava a retirada da população indígena". Esses deslocamentos dos *tekohá*⁷ tradicionais foram acentuados com o avanço da ocupação agropastoril na região sul do estado de Mato Grosso do Sul, perdurando até aproximadamente o ano de 1980 (PEREIRA, 2009).

As consequências foram, primeiramente, a desestruturação do modo de viver, fato que hoje buscam ressignificar. Nesse contexto, compreender o lazer significa não só efetivar novas conquistas, conforme a Constituição de 1988, mas também compreender o nível de sobrevivência desse povo para que uma sistematização dos jeitos de praticar o lazer possa ser realizada. Ainda que alterados pelas situações historicamente vividas, de nossa parte consideramos a responsabilidade política do lazer ombro a ombro com direitos sociais equivalentes como educação, saúde e terra/moradia, de acordo com a especificidade dos povos indígenas (Brasil, 1988).

A relevância deste estudo está no esforço para iniciar uma sistematização teórica que esclareça e contribua aprofundando o conhecimento sobre os guarani e kaiowá, visando

Para *alveizar os Guarani e o Kaiowá*

Marina Vinha & Veronice L. Rossato

a orientar pesquisas, para elaborar, executar e avaliar projetos de lazer. Tais projetos serão escritos e desenvolvidos pelos estudantes indígenas em processo de formação superior. Em períodos anteriores, esses povos não precisavam planejar o lazer. Hoje, fazer 'projeto' de lazer já é uma contingência das mudanças culturais, sociais e motrizes, dentre outras.

No decorrer do texto, indicamos as tensões e os desafios para realizar o objetivo do estudo, visto serem os guarani e kaiowá intensos em suas lutas sociais, fortes na espiritualidade, atualmente, frágeis em suas relações internas e externas. Mostram-se esperançosos diante da expectativa de o lazer contribuir com transformações em seus cotidianos, marcados pela luta por terra e na ressignificação do modo de ser.

Os Kaiowá e Guarani

Essas parcialidades do povo guarani, os kaiowá e guarani, são membros importantes da família linguística tupi-guarani que, no Brasil vivem em dez estados, dentre eles, o de Mato Grosso do Sul. Os *Mbyá Guarani* da região da Grande Dourados viviam predominantemente da agricultura, desenvolvida em famílias extensas constituídas por uma rede de parentesco. Atualmente, a maioria dos homens jovens e adultos está assalariada no corte da cana-de-açúcar. Aproximadamente 300 pessoas, de ambos os sexos, atuam como professores em suas próprias comunidades. O cotidiano da aldeia fica sob a responsabilidade de mulheres e homens que mantêm pequenas roças, cuidam das crianças, jovens, idosos e de animais domésticos em contextos diferenciados. Estes decorrem da menor ou maior dimensão dos conflitos concernentes à situação jurídica das terras que ocupam e da maior ou menor proximidade com os centros urbanos.

O processo ininterrupto de ampliação da rede de interrelações levou os kaiowá e guarani a se estruturarem em um núcleo identitário que os fortalece nas negociações para restabelecer a balança de poder nas relações com o Estado. Fazem valer as diferenças, a maioria conquistada por meio de movimentos

sociais em nível nacional e internacional, envolvendo todos os povos indígenas.

A formação dos professores indígenas voltadas para atuar com lazer fundamentase na trilogia que compreende (i) terra, ou *tekoha*, como lugar geográfico transformado de acordo com a cultura que lhe atribui significados e sentidos, designando-a territorialidade; (ii) cultura, ou *teko*, constituído por valores e práticas continuamente permeados pela espiritualidade e (iii) língua guarani ou *ñe'ë*, responsável por traduzir as 'belas palavras' em força política interna de coesão grupal. Essa trilogia articula-se em um modo de ser denominado *ñande reko*, significando "nossa vida" ou "nosso jeito de ser e de viver, segundo os nossos costumes e tradição". Essas três instâncias de relações de poder internas são constitutivas de suas identidades, conforme explicita o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura.

Dessa forma, são possuidores de saberes que devem ser transmitidos internamente, visando a manter mecanismos tradicionais, simultaneamente dinâmicos, sob ininterruptas redes de interrelações. A tradição, neste estudo, é compreendida como efeito de trava, no sentido eliasiano, por frear mudanças não significativas para o grupo, efetivando uma forma de resistência (Elias, 1980). São essas referências étnicas que permeiam a formação dos professores e estão na base das reflexões sobre lazer.

Lazer e Educação

Entendendo lazer interligado às emoções, adotamos a compreensão inspirada em Elias e Dunning (1992) de que as transformações não planejadas, resultantes de figurações sociais em perspectivas de longo prazo estão assentadas em três aspectos fundamentais. O primeiro aspecto diz respeito ao lazer como um efeito histórico específico que afeta as relações de equilíbrio e de restrições em múltiplas esferas, frente às complexidades dos modos de vida urbanizados e industrializados. O segundo aborda o lazer como o descarte de emoções violentas, espontâneas e intensas que se devem às normatizações

Para azevejar
os Guarani
e o Kaiowá

Marina Vinha &
Veronice L. Rossato

por restrições sociais e psicológicas construídas nesses processos de longa duração. E o terceiro aspecto esclarece que o lazer atual está crescentemente correspondente às formas de comportamentos miméticos, isto é, formas de diversão que permitem emoções intensas, mas controladas, tanto no autocontrole como socialmente. Sintetizando, o lazer consistiria em um descontrolo controlado das emoções⁸.

O primeiro aspecto relaciona-se com a atual realidade dos guarani e kaiowá no sentido de que hoje as tensões trazidas pela invasão do mundo urbano em suas terras e tradições, a presença do estado nacional dividindo o poder com as lideranças e reza-dores gera conflitos estranhos, desequilibrando e inserindo restrições no modo de vida. O segundo aspecto reporta à forma de liberar emoções, antes mais livres e intensas, oscilando de extremos de alegrias a tristezas, restritas a um grupo familiar e coletivo para situações em que o autocontrole é cada vez mais exigido, principalmente em vista da ampliação da rede de inter-relações. No terceiro aspecto, temos uma crescente forma de lazer entre esses indígenas com predominância de atividades esportivas ou outras formas que exigem mais controle. O lazer seria um meio de compensar as tensões vindas dessa atual forma de vida sob intensas e muitas vezes incompreendidas restrições.

As interrelações de lazer e educação são mediadas pela cultura. Essas relações eclodem quando promovem reflexões sobre comportamento, informam, fortalecem laços de cooperação, revitalizam valores e contemporizam modos de ser. Um modo de vida cujas maiores catástrofes podiam ser a perda da colheita, a necessidade de mudança de região deixando as moradias, alguma epidemia, com o passar do tempo ficaram submetidas ao progressivo controle do Estado e a impedimentos geográficos e políticos.

Não obstante tais mudanças, o jeito de ser é continuamente fomentado por um patrimônio cultural imaterial expresso por meio de diferentes manifestações orais e visuais presentes na memória de seus detentores. Essa

imaterialidade, o cerne da identidade de um povo, se mantém incorporando, excluindo, se autorrenovando na dinâmica espacial e temporal específica de cada grupo. Dialogando com a dinâmica das novas interrelações, através das “redes de relações históricas e de processos seculares de troca”, muitos elementos culturais são compartilhados por povos de uma mesma região. Ao compartilharem, ampliam a rede de relações e reelaboram esses elementos em seus contextos particulares “permitindo a cada grupo reconhecer e valorizar o que considera parte de seu próprio patrimônio cultural” (GALLOIS, 2006, p.7).

Contemporaneamente, os guarani e kaiowá estão vivendo sob uma interdependência cada vez mais estreita com o Estado, sob a efervescência de suas relações internas acerca dos seus próprios valores, colocando suas tradições, principalmente a educação, sob uma dinâmica nunca vista. Assim, pode-se perguntar: Quais seriam seus interesses de lazer? Reconhecendo a aldeia como *tekoha* e/ou como confinamento, quais espaços de lazer disporiam nos seus mundos pautados por valores espirituais e com a organização social estatal? Este estudo não pretende obter respostas convincentes e plenas, elas serão obtidas pelos próprios professores indígenas e com simultânea aprendizagem de nossa parte.

Ára Guarani e Kaiowá

A reflexão sobre lazer entre o povo guarani reporta obrigatoriamente aos temas tempo e espaço. Há estudos acadêmicos que associam o tempo livre com trabalho, outros dissociam o tempo livre do ócio, outros atribuem ao tempo ocioso o desenvolvimento intelectual. São inúmeras teorias e elas não foram priorizadas neste artigo. Para os guarani e kaiowá, tempo e espaço estão traduzidos como *ára*, expressão da língua guarani que abarca o tempo e o espaço de forma inseparável. Uma só palavra envolvendo dois sentidos construídos socialmente.

Estudos sobre esse povo, segundo Borges (2002), indicam que o tempo *Mbyá*⁹ requer uma categorização em tempo instituinte e tempo

Para *alevezar*
os Guarani
e o Kaiowá

Marina Vinha &
Veronice L. Rossato

instituído. *Tempo instituinte* refere-se ao tempo primário que se estrutura e funciona no imaginário de todas as sociedades e tem por base o tempo cósmico. O *tempo instituído* é aquele que é local, socialmente produzido, que baliza o cotidiano das sociedades e de seus sujeitos atravessando-lhes o corpo físico e social, quais sejam: o tempo da linguagem, o tempo dos rituais, o tempo psicológico, tempo de pesca, caça, colheita.

Na relação tempo e espaço *Mbyá*, o espaço é o lugar das coisas e pode também ser concebido como diferença. Nessa mesma relação, o *tempo* é a dimensão do movimento e da duração e pode também ser concebido como algo sucessivo e, portanto como alteridade. Para o autor, a diferença resulta de sucessivas transformações a partir de uma forma da qual o diferente pode ser dedutível; enquanto a alteridade ocorre com a criação, ou seja, com a destruição de formas. O tempo, lugar de alteridade e de exterioridade, participa da construção do processo socio-histórico *Mbyá*; e a intensa religiosidade guarani constitui-se no núcleo fundador do seu etos, condição de sua sustentabilidade cultural. A ordem cosmológica, portanto o *tempo instituinte* é o fundamento do modo de ser desse povo. O modo como representam o *tempo instituído* ou a ordem socio-histórica encontra-se subsumida pela ordem cosmológica (*tempo instituinte*).

Os marcadores celestes (astros); os marcadores sazonais (florescimento, plantio, nascimentos), os marcadores rituais (colheitas, festas, batizados) têm uma função totalizante do tempo estabelecendo uma ordem na transitoriedade das coisas. “A temporalidade cerca-se de fatores de homogeneidade no interior de uma heterogeneidade constitutiva” afirma BORGES (2002, p. 114). *Ára*, portanto significa que concebem uma unidade tempo-espacial, a indivisibilidade entre tempo e espaço emerge pela intervenção direta de *Nhamandu* (criador), não por um ato da vontade.

Como os kaiowá e guarani estariam processando o descontrole controlado de suas emoções, pode ser exemplificado quando recentemente vivenciamos a organização de um

livro sobre uma das práticas encontradas entre eles – a defesa corporal denominada *Nemborari ou Sambo* (pronuncia *sambô*). Seria um jogo, uma arte, uma resposta às situações difíceis que necessitam uma resolução mental e corporal rápida e efetiva? Os guarani e kaiowá a praticam com espontaneidade e perfeição. Hoje, ao autorizarem a escrita desse contexto, mostram-se antropólogos de si mesmos, afirma Meliá (2009). O que chama a atenção nesse jogo/arte *Sambo* é que ele só tem defesa, não tem ataque. Defendem-se de ataques de animais, de pessoas com armas brancas, armas de fogo e de socos. A defesa consiste em desviar-se tomando movimentos de animais.

Nessa condição, o tempo e espaço de lazer ocorriam no tempo instituído guiado pelo tempo instituinte. Não obstante o referencial teórico deste estudo pautar-se na compreensão de processos que são civilizadores em longo prazo, a primeira iniciativa de diálogo com os alunos kaiowá e guarani foi a busca de entendimento de como compreendiam ócio, recreação e lazer. Termos cotidianamente usados quando nos solicitavam uma bola para se ‘recrear’ ou para o ‘lazer’. Assim, durante as aulas no Curso de Licenciatura Intercultural foi solicitado ao grupo, de aproximadamente 50 alunos, que discutisse na língua guarani os três temas, abrindo para posteriores diálogos.

A atribuição pejorativa de que eram ‘preguiçosos’, viviam no ócio, era comum nas aulas e conversas informais. Em decorrência, alguns diziam que o indígena não precisava estudar lazer, pois isso acontecia naturalmente no passado. Essa afirmativa nos parece procedente depois de estudarmos o *ára Mbyá*. No entanto, a contingência da diferença e da alteridade ou o dedutível e a criação trouxeram mudanças. A ‘preguiça’, portanto, segundo exemplos dados pelos alunos, ocorre de verdade com o recém-casado que está preguiçoso porque já está no último de suas forças ou quando a pessoa vai jogar bola e não chega na hora.

Sobre ‘ócio’ os argumentos foram selecionados por predominância contextual, cujos

Para azevezar
os Guarani
e o Kaiowá

Marina Vinha &
Veronice L. Rossato

significados indicavam um modo de ser étnico específico, ou seja:

[...] *o que não é feito; sem fazer nada; não fazer nada; o que quer alcançar; começo do cansaço; não ficar agitado; ter tempo para pensar; quem não trabalha; que não é animado.* (TEKO ARANDU, 2009).

Ao ser perguntado sobre como entendiam 'recreação' responderam:

[...] *brincadeira; lugar de diversão; lugar de barulho; lugar de expressão; jogos e brincadeiras orientadas; para animar; buscar/procurar alguma coisa; dar início; alevelzar o corpo.* [Grifo nosso]. (TEKO ARANDU, 2009).

Sobre 'lazer' entendiam:

[...] *desamarrado; solto; alegrar-se; lugar de brincar; brincalhão; espontâneo; estar em movimento/inquieto elétrico.* (TEKO ARANDU, 2009).

As respostas foram quase unânimes em deixar de fora o trabalho, mesmo entendido como rotina de sobrevivência nas aldeias. Ter tempo para pensar, para se expressar, ser espontâneo; lugar de brincar, de diversão, do que não é feito; não fazer nada, *avevezar* o corpo, estar em movimento estiveram presentes na compreensão dos três termos.

O neologismo *avevezar*, citado em um dos textos, nos pareceu o mais apropriado para significar a libertação do lazer do dualismo trabalho/lazer, portanto, fora também das tensões compensatórias próprias da sociedade industrializada ou urbanizada. No dicionário Houaiss (2001) não há registro desse neologismo, portanto, optamos por buscar em 'leveza' e 'leve+eza' e o que encontramos foi elucidativo diante de significados etimológicos relativamente comuns como 'frescor', 'delicado' e 'singelo'. O que nos remete ao estado ideal de comportamento e/ou sentimento dos guarani e kaiowá de não ser violento, pesado (moralmente), arrogante, 'quente', duro, intransigente, mal-humorado, impaciente. Mostrando também a profunda ligação com o mundo espiritual, *avevezar* também pode ser associado a uma das grandes metas dos rezadores, *ñanderu*, que ao praticar rezas, danças ritualísticas e dietas alimentares es-

pecíficas, durante vários dias, podem *avevezar* o corpo a tal ponto que, assim, conseguem se autotransportar ao 'céu', conforme relato de Paulito Aquino para Rossato, em 1993.

O texto nos remeteu também para 'lev', antepositivo usado em várias línguas e com diferentes sentidos, dos quais destacamos: levantar, elevar, descarregar, aliviar. O acréscimo da letra 'a' ao verbo pode significar tornar, fazer, causar. Assim, a + leveza + r = 'tornar(-se) leve'. Outros exemplos: 'amalucar' = tornar (-se) maluco; 'acalmar' = tornar(-se) ou ficar calmo (Larousse Cultural, 1992).

Quanto ao trabalho, os estudantes indígenas explicaram que têm para eles duas conotações, quais sejam: a palavra trabalho na língua guarani usada para designar 'trabalho ruim' é *mba'evai* ou *mba'eriri* e para designar 'trabalho mal feito' é *mba'apo vai*. Mas, nem todo tipo de trabalho entra nessa categoria, pois também há o 'trabalho bom'. Etimologicamente, em Guarani, *mba* quer dizer força, energia, espírito; também *mba* = *pa*, que significa totalidade, todo, muito, coisa completa, esgotada, acabada; *po* quer dizer mão; *mba'e* quer dizer coisa, objeto, propriedade, algo, artefato, peça, patrimônio, matéria; *apo* é também 'trabalhar, executar, elaborar'; *apoha* é 'pessoa que faz'; portanto *mba'apo* pode significar 'fazer com as minhas mãos', ou 'completar com as mãos', ou 'colocar força, energia, ânimo em minhas mãos'.

Tempo e espaço guarani e kaiowá foram, também, tema das reflexões do cacique¹⁰ ao proferir palestra valorizando os estudos interculturais. Atualmente, explicou ele, dentre as tensões que os assolam têm a violência e esta, muitas vezes, gera o suicídio. Explicou que na sociedade deles, hoje, existem crianças que não se submetem aos pais e há também uma crise de autoridade. Se a mãe briga, se ensina, a criança fica enfezada e se 'perde', começa a 'andar à toa'. Segundo ele, hoje não têm mais a união do *ñande reko* (trilogia *tekohá*, *teko* e *ñe'e*) significando o modo de ser. Sentem que precisam unir o pensamento dos guarani e kaiowá em torno dos significados e dos valores que lhes dão identidade. A partir das coisas que estão

Para *avevezar*
os Guarani
e o Kaiowá

Marina Vinha &
Veronice L. Rossato

acontecendo, do jovem indígena fazendo o que quer, dentre outras reflexões sobre as efervescentes tensões internas, foi formulada uma pergunta para todos que o ouviam: “O que podemos fazer para unir nosso pensamento?”

As ‘belas palavras’¹¹ do cacique vieram com força, nos alertando sobre as possibilidades de como comunicar-se para reverter o *ñemboy avy* que significa desequilíbrio, desentendimento, equívoco, erro. O rezador falou um pouco, pedindo para que todos puxassem pela espiritualidade, o que nos reportou para a intensa religiosidade guarani, condição de sua sustentabilidade cultural. Argumentou que antigamente a criança vinha e com o batismo (*ñemongarai*) sabia o que seria futuramente. Hoje, tem família que não valoriza o batismo. Assim, conforme a explicação do rezador, a pessoa que morre não vai mais para o deus, fica vagando. Se a criança vem com fraqueza, a pessoa que morre fica coagindo a pessoa viva e ela acaba morrendo. Por tudo isso é preciso informar e formar as comunidades.

Vitimados pelo confinamento, os kaiowá e guarani têm se auto punido, muitas vezes com a morte. Há vergonha e medo no olhar da comunidade, as pessoas não conseguem se expressar para os policiais quando são abordados para explicar esses acontecimentos, explicou o rezador.

Os guarani e kaiowá parecem voltar-se contra si próprios em seus descontroles. O que os estudos acadêmicos podem fazer para unir o pensamento guarani e kaiowá?

Possibilidades de lazer como intervenção (para unir pensamentos)

Reconhecendo a aldeia como *tekoha* e/ou como confinamento, quais espaços de lazer dispõem nos seus mundos pautados por valores espirituais e com a organização social estatal? Quais seriam os interesses de lazer para eles?

Algumas respostas são passíveis de reflexão. Uma tarefa realizada na etapa comunidade do Curso de Licenciatura, período em que os professores universitários é quem vão para as aldeias, solicitou-se aos acadêmicos mapeassem seus espaços de lazer para termos uma primeira ideia desses espaços e do tipo de atividade adotado hoje em dia nas aldeias.

Selecionamos sete tarefas, vindas de sete aldeias. O resultado mostrou 31 espaços dedicados às modalidades esportivas com predomínio do campo de futebol de campo e quadras poliesportivas principalmente para vôlei e outros tipos de futebol; 25 espaços com água para atividades de pescaria, banhos, brincadeiras na cachoeira e nadar; 22 espaços com trilhas, caminhos, estradinhas que possibilitam percorrer de bicicleta, a pé e a cavalo; 14 espaços escolares em cujo entorno há equipamentos recreativos como balanços e gangorras; 04 espaços com árvores e matas; 8 espaços com casa de reza ou casa da cultura que são utilizadas também para atividades lúdicas; e somente um dos trabalhos indicou o espaço de 01 bar em uma das aldeias. O Quadro 1 sintetiza esses dados.

Quadro 1. Aldeias Guarani e Kaiowá/MS – Atividades e Espaços de Lazer

Legendas:

-  = campo futebol, quadra poliesportiva
-  = rio, açude, nascente, córrego
-  = trilhas, caminhos, estradas
-  = escola
-  = mata, árvores, sombras
-  = casa de reza, casa da cultura, igreja
-  = bar
- * = não especificou

Fonte: Teko Arandu (2009)

Aldeias							
1. Porto Lindo	7	5	1	3	*	3	*
2. Amambaí	2	2	*	5	*	1	*
3. Taquaperi	4	5	4	2	3	*	1
4. Bororo	5	4	4	3	*	3	*
5. Pirajuí	7	5	5	1	*	*	*
6. Rancho Jacaré	2	2	6	*	*	1	*
7. Dourados	4	2	2	*	1	*	*
Total	31	25	22	14	4	8	1

Para azevejar os Guarani e o Kaiowá

Marina Vinha & Veronice L. Rossato

Priorizando os três espaços de lazer mais citados, destacamos os caminhos, trilhas e estradinhas (22) equivalendo à quantidade dos espaços com água (25) mostrando um tipo de vida e de lazer ligados à natureza. O predomínio de espaços esportivos (31) pode indicar a chegada de uma sistematização diferenciada nas relações de jogo, no sentido social do termo, por entendermos, nos estudos eliasianos, que o caráter das relações esportizadas se estende em outras áreas de relacionamento. A capacidade de os atuais guarani e kaiowá se submeterem às restrições, se autoimpondo controles mais intensos, pessoais e coletivos, próprios de jogos esportizados parece significativo frente aos desafios dos jogos cujas características são conhecidas como 'populares', e no caso indígena como 'tradicionalis'.

Rocha Ferreira *et al*¹² (2005) organizaram um contraste entre as propriedades estruturais dos jogos populares/tradicionais e os jogos esportizados, inspirados em Elias e Dunning (1992). Argumentam que as propriedades estruturais dos jogos populares/tradicionais apresentam uma organização informal, implícita na cultura local; as regras são simples e orais, legitimadas pela tradição; há variações regionais de regras, no tamanho e formas das bolas e de outros materiais; o campo não é fixo, o tempo de duração do jogo varia, bem como o número de participantes; a diferenciação e a divisão de tarefas entre os jogadores são poucas durante o jogo; o controle social é informal dentro do contexto do jogo; as emoções são mais espontâneas e abertas ao prazer do jogo; há contexto local significativo e uma relativa igualdade de habilidades entre os jogadores.

Por outro lado, o jogo esportizado, estudado como fenômeno da atualidade, está sob diferentes explicações socioantropológicas para se compreender seu desenvolvimento. Os primeiros esportes tiveram suas origens em jogos tradicionais europeus, sendo que hoje muitas modalidades são criadas sem vínculos socioculturais.

Dentre as propriedades estruturais do esporte, os autores consideraram o processo de

transformação dos jogos populares/tradicionais como esporte vinculado à trajetória de formação do Estado. Processualmente, esses esportes tiveram suas regras institucionalizadas e foram burocratizados através de canais formais; a prática do esporte passou a ocorrer em espaços limitados e com número de jogadores fixo; há diferenciações nas funções dos jogadores; as regras passaram a ter controle formal de penalidades e faltas; em decorrência desse controle, há um baixo nível de tolerância à violência física e também maior controle emocional, comparando com os jogos populares e tradicionais. Não obstante, estudos recentes apontam que mesmo os esportes sendo regidos por normas e instituições internacionais, eles mantêm alguns elementos culturais próprios das nações, estados e povos nos quais são praticados.

Essas reflexões são iniciais, portanto outros estudos podem ser mais assertivos para compreender o processo de transformação tempo-espaço guarani kaiowá delimitado ao lazer, com ênfase no jogo esportizado, cuja prática mostrou-se predominante nas tarefas escolares. Meliá (2009) reconhece as linguagens, no caso a do corpo/movimento, entre os guarani e kaiowá da seguinte forma:

[...] tenho que insistir que a cultura guarani é mais que a língua, mesmo que esta seja a mais poética e a mais profética. Há uma linguagem que transita não somente pelas altas expressões do seu canto e de suas rezas, ou em seus discursos políticos, senão que se fazem também corpo, um corpo que se move, se exalta e se diz o que faz. Há uma linguagem do corpo. (MELIÁ, 2009, p. 1).

Fortalecendo esses argumentos, ocorreu que durante a etapa presencial do Curso de Licenciatura Indígena, quando os indígenas permanecem na Universidade, um dos estudantes indígenas explicou: "Hoje, como estudante, sinto que o estudo acostuma a gente a usar o tempo de uma forma diferente". Reflexões de Rossato, em estudos coletivos, apontam que o uso do tempo nas comunidades indígenas com o espaço (terra) muito limitado trouxe, em primeiro lugar,

**Para azevezar
 os Guarani
 e o Kaiowá**

**Marina Vinha &
 Veronice L. Rossato**

a desestruturação do modo de ser e de viver amontoando as famílias, diminuindo os intervalos físicos entre elas. Essa falta de espaço associada ao tempo (*ára*) fomenta os contatos compulsórios cotidianos entre outras pessoas de fora de sua família, criando contextos que favorecem os conflitos, como o aumento dos 'fuxicos', a falta de espaço para criar galinha, para se distrair com o que o *te-kohá* oferece naturalmente e, socialmente para não fazer nada, para esfriar a cabeça ou manter-se em estado 'frio' – que é o estado ideal dos guarani e kaiowá. O estado da 'não raiva', 'não nervoso', 'não violência', ou seja, a impossibilidade de *alevezar* traz também a fome e, junto, a violência. O suicídio, como referiu o rezador, viria dessa violenta desorganização espaço-tempo.

De maneira ainda incipiente, compreendemos nesses relatos o papel do tempo atuando na construção social. Os processos sociais, coletivos, formam *habitus* os quais integram qualquer estrutura de personalidade e têm no tempo um elemento de influência nas tarefas humanas específicas, na dinâmica das teias de relações. O tempo é uma invenção humana, uma instituição cuja natureza varia conforme o desenvolvimento buscado em cada sociedade (Elias, 1980).

As representações sociais específicas de cada grupo vão se alterando conforme essas figurações temporais. Dessa forma, o tempo-espaço universitário dedicado ao estudo, as provocações vindas de diferentes instâncias de poder, o cotidiano nas aldeias estão formando um contexto que altera a autorregulação dos indígenas. No interior de cada teia de relações, o tempo constitui uma construção intelectual dentro de cada cultura, explica Elias (1980). Na especificidade de povos indígenas, Gallois (2006), afirma que

o patrimônio cultural imaterial se transmite de geração em geração [tempo-espaço] sendo constantemente recriado e gerando um sentimento de identidade e de continuidade. (GALLOIS, 2006, p. 7).

Em que pese o tempo e as interrelações ampliadas, a seleção do imaterial contribuirá para que o lazer e as emoções sejam efeti-

vados em projetos cuja intervenção estimulará a força vital guarani e kaiowá, segundo Diem (1966). Este autor entende que atividades de jogos, esportes, brincadeiras, danças, lutas, dentre outras, são desafios que propiciam alegrias para quem os pratica e diversão para os espectadores. Elas promovem conversações, são matérias para reportagens e são também de importância pedagógica. Quando povos indígenas celebram, adotando essas atividades lúdicas e agonísticas, aquelas que exigem desafios pessoais ou confrontos entre duplas ou equipes, medem forças convertendo suas sociedades à condição de escola que desenvolve a força vital, ou a força da identidade.

O lúdico nos remeteu às construções teóricas elaboradas por Elias e Dunning (1992), sob reflexões também de Gebara (2002), de que as tensões entre lazer e não lazer torna-se um equilíbrio entre tensões flutuantes, cabendo ao lazer, portanto, restaurar tensões agradáveis e desrrotinizadoras, capazes de interagir com todas as esferas da vida.

Para *alevezar* os guarani e kaiowá, compreendemos que o modo de vida grupal traz conflitos específicos que não ocorrem por acaso, mas vinculam-se parcialmente às mudanças na estrutura de personalidade dos membros do grupo, impostas pelo nível de ampliação da rede de interrelações. Por exemplo, na passagem das relações grupais para relações em nível nacional, do estudante da aldeia para o universitário, das práticas lúdicas na casa de reza para quadras poliesportivas não há destruição do etos grupal, mas sua dinamização. São novas elaborações sobre o trabalho indígena, assalariados na usina, na fazenda, na escola. São labores que os isolam do contexto cultural, do *ára Mbyá*. Os indígenas professores também são assalariados, mas, ao atuarem mediando saberes em suas próprias aldeias estão mais protegidos em seus contextos, mediando também as novas restrições e suas coerções.

Diante das diferenças de saberes, apontadas no decorrer deste estudo preliminar, temos como pano de fundo a busca pela

Para *alevezar*
os Guarani
e o Kaiowá

Marina Vinha &
Veronice L. Rossato

qualidade de vida. Por alguns pontos comuns a qualquer outra sociedade, indicados por Nahas (2003), perpassam processos globalizantes a que todos estamos expostos, inclusive o próprio planeta. O autor entende que o século XXI deve ser o início da “era do estilo de vida”. Para tanto, organizou um quadro de influências sobre essa tão propalada expressão ‘qualidade de vida’, a qual muitas vezes nos soou vazia, ao pensar grupos indígenas.

As condições que permitem a todos ter qualidade de vida devem seguir dois parâmetros, conforme Nahas (2003): os socioambientais e os individuais. Dispor de moradia, transporte, segurança, condições de trabalho e remuneração, educação, opções de lazer, dentre outros, constituem os parâmetros socioambientais. Sustentando os parâmetros individuais, temos a hereditariedade e o estilo de vida. O estilo de vida é o que muito comprometerá a todos, e foi subdividido pelo autor em: hábitos alimentares, controle do estresse, atividade física habitual, relacionamentos e comportamento preventivo.

No tocante aos indígenas, entendemos ser imprescindível o acréscimo de outros dois parâmetros, ou seja, a questão da terra e a autossustentação. “A terra está profundamente relacionada com a vida, a saúde e a existência dos povos indígenas” (Rcnei, 1988, p. 93). Observamos que Nahas (2003) cita os parâmetros socioambientais com o verbo *dispor*, ou seja, *ter*, assim como os individuais. No caso dos índios, e dos guarani e kaiowá particularmente, a priori, aos parâmetros que indicam as condições para a qualidade de vida não basta acrescentar o terceiro e o quarto parâmetros (terra e a autossustentação).

Temos, sim, que pensar outros parâmetros a partir dos critérios próprios dos guarani e kaiowá, do seu modo de *ser*, do *ñande reko* (nosso modo de viver) que não condiz com os parâmetros de Nahas. Estilo de vida, por exemplo, não é um parâmetro individual, mas coletivo/social: estilo = modo; vida = *reko*; *ñande* = nosso (e não ‘meu’). E em qual parâmetro situaríamos a espiritualidade, a relação com o divino, eixo da sustentabi-

lidade cultural e, portanto, da qualidade de vida dos kaiowá e guarani?

Com um quadro assim elaborado, resta argumentar e instrumentalizar os professores indígenas para que usem a pesquisa como um modo de buscar conhecimento. Durante muito tempo, os povos indígenas do mundo inteiro foram pesquisados pelos não-indígenas: antropólogos, linguistas, historiadores, biólogos e outros. Recentemente, povos que antes eram pesquisados agora começam a se preocupar em se tornar capazes de realizar suas próprias pesquisas, explicitando suas metodologias¹³, em uma etnografia de si mesmos.

Nesse sentido, Gallois (2006) argumenta que os trabalhos de pesquisa realizados por qualquer pesquisador iniciante, índio ou não-índio, precisam ser orientados e avaliados por pesquisadores já formados. O pesquisador iniciante também deve receber apoio, quando necessário, de especialistas nos diferentes assuntos que estarão sendo pesquisados. É importante saber que para ser formador de pesquisadores é preciso ter muita experiência. Isso quer dizer que o formador precisa conhecer o modo de pensar e de viver da turma de pesquisadores que estiver formando, orientando o que é, para que serve e como se faz pesquisa. Principalmente se o pesquisador em questão for também um formador, neste caso, um professor indígena, cujas pesquisas devem estar orientadas para a formação de cidadania e de identidades.

Para os estudos de lazer, as pesquisas podem trazer emoções silenciadas, agora atualizadas de forma mimética, ou seja, não como imitação ou espelho da vida dos indígenas no passado, mas sob contextos miméticos que o lazer pode proporcionar. Neles, as emoções têm um colorido diferente, as pessoas podem vivenciar papéis, representar situações e até agir envolvidas por fortes sentimentos, sem riscos de um afloramento emocional violento e real, explica a teoria eliasiana. Um exemplo são as defesas corporais kaiowá-guarani, *Ñemborari*, realizadas principalmente nos rituais. Partes do

Para *alevezar*
 os Guarani
 e o Kaiowá

Marina Vinha &
 Veronice L. Rossato

Ñemborari, ou *Sambo*, podem ser hoje mimetizadas de forma lúdica ou em estudos pedagógicos dos movimentos, trazendo reflexões valiosas sobre o modo de ser, o *ñande reko* guarani e kaiowá.

Considerações Finais

Para *alevezar* os guarani e kaiowá no modo de vida atual, em confinamento e sob fortes pressões relativas à posse de suas terras, o lazer, sob o olhar de processos civilizadores abre um leque de possibilidades: pesquisar para recuperar e registrar o patrimônio cultural imaterial, pesquisar as mudan-

ças vindas com as novas coerções coletivas e individuais, realizar atividades de lazer que mimetizem modos de ser violentos do passado, dentre outras formas que levem a força vital identitária e, conseqüentemente, a vida com qualidade. Tudo isso só é possível quando a sobrevivência não bate à porta, quando os festejos, as brincadeiras, jogos e danças realizadas internamente são escolas para fortalecer suas identidades, dialogando com o novo, o inesperado e o invasivo vindos da ampliação da rede de interrelações e das assimetrias nas relações de poder.

Para *alevezar*
os Guarani
e o Kaiowá

Marina Vinha &
Veronice L. Rossato

Notas

¹ Neologismo criado por um acadêmico guarani durante os estudos de lazer, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tko Arandu (UFGD, 2008).

² A Grande Dourados compreende o município de Dourados, com cerca de 180 mil habitantes, e municípios circunvizinhos que totalizam um fluxo de aproximadamente 700 mil habitantes.

³ No MS há os que se autodenominam "guarani", em outros lugares se denominam "ava guaani" ou "ñandevá". Os kaiowá, no Paraguai, se autodenominam "pai-tavyterã".

⁴ Ao todo, o estado comporta 67 municípios.

⁵ Em realização na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em parceria com a Universidade Católica Ddeom Bosco (UCDB), FUNAI, Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul (SED/MS), Secretarias Municipais de Educação (SEMEDs) e Movimento de Professores Guarani e Kaiowá.

⁶ Integrantes de qualquer estrutura de personalidade, que tem o tempo um elemento de influência na conjunção das intenções e tarefas específicas dos humanos na dinâmica das teias de relações, nos estudos eliasianos.

⁷ Tekoha = Teko (modo de ser e de viver) + há (lugar), ou seja, o lugar onde se vive de acordo com os costumes próprios.

⁸ Reflexões inspiradas também em Gebara (2002; 2009).

⁹ Mbya é uma das parcialidades da nação Guarani que habita, principalmente, o litoral brasileiro.

¹⁰ Entre os Kaiowá e Guarani o cacique é o rezador, e não o líder político.

¹¹ O povo Guarani é conhecido pela força do verbo, da palavra.

¹² Inspiradas Elias & Dunning (1992). Rocha Ferreira *et al* fazem distinção conceitual entre jogo popular e jogo tradicional, atribuindo a este último elementos e vínculos com a cosmologia de cada povo.

¹³ Nesse sentido, sugiro a leitura do texto "Pesquisando com meu povo", do acadêmico e indígena kaiowá Enock Batista, publicado na *Revista Tellus*, organizada pelo Núcleo de Pesquisas em Populações Indígenas (NEPPI/UCDB), com artigos obtidos em: www.neppi.org.br

Referências bibliográficas

BORGES, Luiz C.. “Os guarani Mbyá e a categoria tempo”. Revista *Tellus*, NEPPI/Campo Grande: UCDB, ano 2, nº. 2, p. 105-122, abr. 2002.

BRASIL. *Constituição da República*. 1988.

BRASIL. *Referencial curricular para escolas indígenas*. 1998.

DIEM, Carl. *Celebrar e competir*. 1966.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Em busca da excitação*. Portugal: Difel Editora, 1992.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GALLOIS, Dominique T.. “Patrimônio cultural imaterial de povos indígenas”. Documento Base – 2º Seminário Regional do Iepê: *Experiências indígenas em gestão e pesquisa de patrimônios culturais no Amapá e norte do Pará*, 2006. Obtido em: www.institutoiepe.org.br/docs/DocBase_seminario_iepe_2005.pdf

GEBARA, Ademir. “História do esporte: novas abordagens”. In: PRONI e LUCENA. (org.). *Esporte, História e Sociedade*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, pp. 5-29, 2002. (Coleção Educação Física e Esportes).

HOUAISS. Dicionário. 2001.

JUNQUEIRA, Carmem. *Antropologia indígena: uma introdução, história dos povos indígenas no Brasil*, São Paulo, Educ, 2002. (Série Trilhas).

LAROUSSE CULTURAL. Dicionário. 1992.

MELIÀ, Bartomeu. “Juego y arte en movimiento”. In: Apresentação do livro *Ñemborari*. Secretaria de Estado de Educação, Mato Grosso do Sul, 2009. (Prelo).

NAHAS, Marcus V.. *Atividade física, saúde e qualidade de vida – conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. Londrina: Midiograf, 2003.

ROCHA FERREIRA, M. B. et al.. “Raízes”. In: DA COSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil: Atlas do esporte, educação física e atividade física, saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

PEREIRA, Levi M. “Falta conversa e entendimento”. *MÍDIAMAX* – Entrevista concedida à jornalista Fernanda Brigatti, publicada dia 16/8/2009, 15:39. Obtida dia 25/8/2009 em http://www.midiamax.com/view.php?mat_id=523027

TEKO ARANDU. *Tarefas etapa de julho 2008*. Fonte: Acervo UFGD/Faculdade de Educação, Dourados: Mato Grosso do Sul, 2009.